

LINGUASAGEM

O MUSEU COMO INSTRUMENTO SOCIOEDUCATIVO: (RE)PENSAR O PAPEL DA MEDIAÇÃO CULTURAL POR MEIO DA METODOLOGIA *SOCIOPOÉTICA*

Vanessa Basso Perosa¹
Joelma Fernandes Arguelho²

RESUMO

Os museus são espaços de construção de histórias e memórias, não apenas de lembranças e narrativas contadas pragmaticamente, um lugar de encontros, unindo arte, cultura, prática de ensino, aprendizagem, um espaço que inspira novos conhecimentos. Nesse sentido, o presente estudo teve seu percurso metodológico trilhado pelo interesse em (re)pensar como experiências de contato com obras de arte, através da mediação cultural, podem ser enriquecedoras na construção de um novo entendimento sobre a realidade em si e, como isso pode se dar de diferentes formas, em diferentes linguagens e suportes, criando pontes sólidas entre a arte e o público. Como apoio teórico, a pesquisa se pautou na metodologia da *Sociopoética*, que tem como finalidade a construção coletiva do conhecimento, cujos pressupostos básicos defendem que todos os saberes são iguais e que é possível fazer da pesquisa um acontecimento prazeroso. Buscou-se uma reflexão a respeito do papel da mediação cultural como possível instrumento transformador da sociedade, favorecendo as relações inter e transpessoais, promovendo o fortalecimento das identidades, difundindo e preservando as marcas deixadas pelo tempo. Através do estudo, percebemos como é essencial a mediação cultural no espaço do museu, possibilitando a fruição, o prazer de descobrir-se no descobrir da arte, na infinitude de leituras e interpretações, de despertares e adormeceres, de sonhos e devaneios. Porque cada olhar é único. Porque cabe a cada olhar a força-inocência-continuidade.

PALAVRAS-CHAVE: Museu; Educação; Mediação cultural; Sociopoética.

ABSTRACT

Museums are spaces for building stories and memories, not just memories and narratives told pragmatically, a place for encounters, uniting art, culture, teaching practice, learning, a space that

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS. Mestre em Estudos de Linguagens pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS 2019. Especialização em Arte Contemporânea e suas Linguagens – FUNLEC/2010. Graduação em Artes Visuais Bacharelado / Licenciatura – UFMS 2003/2005. Arte Educadora na rede de ensino municipal em Campo Grande / MS e Coordenadora do setor educativo na Morada dos Baís em Campo Grande / MS. E-mail: bassovane@hotmail.com

² Doutoranda em Desenvolvimento Local pela UCDB/MS - Bolsista pela CAPES. Mestre em Desenvolvimento Local pela UCDB/MS - Bolsista pela CAPES (2024). Graduação em Artes Visuais pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2003), graduação em Artes Visuais - Licenciatura pela Faculdade Mozarteum de São Paulo (2017), graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2016), pós-graduação em Artes Visuais - Cultura e Criação pelo Senac (2008). Servidora efetiva da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo de Campo Grande. Atualmente, Gerente de Patrimônio Cultural. E-mail: joelmanjo1@hotmail.com

inspires new knowledge. In this sense, the present study had its methodological path followed by the interest in (re)thinking how experiences of contact with works of art, through cultural mediation, can be enriching in the construction of a new understanding about reality itself and, as this it can take place in different ways, in different languages and supports, creating solid bridges between art and the public. As theoretical support, the research was based on the methodology of Sociopoetics, which aims at the collective construction of knowledge, whose basic assumptions argue that all knowledge is equal and that it is possible to make research a pleasurable event. A reflection was sought regarding the role of cultural mediation as a possible instrument for transforming society, favoring inter and transpersonal relationships, promoting the strengthening of identities, spreading and preserving the marks left by time. Through the study, we realized how essential cultural mediation is in the museum space, enabling enjoyment, the pleasure of discovering oneself in discovering art, in the infinity of readings and interpretations, of awakenings and falling asleep, of dreams and daydreams. Because each look is unique. Because strength-innocence-continuity is up to each look.

KEYWORDS: Museum; Education; Cultural mediation; Sociopoetics.

Introdução

O *Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM)*, autarquia vinculada ao Ministério do Turismo que trabalha pela melhoria física e estrutural dos museus, pela ampliação e democratização do acesso do público às suas instituições de memória, define que “museu é o lugar em que sensações, ideias e imagens de pronto irradiadas por objetos e referenciais ali reunidos iluminam valores essenciais para o ser humano” (IBRAM, 2019, p. 1). De acordo com a lei que institui o Estatuto de Museus (Lei n. 11.904, de 14 de janeiro de 2009), trata-se de instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento (Brasil, 2009).

Nessa perspectiva, museus são considerados importantes espaços de trocas de saberes, suas atividades têm propiciado o encontro dos sujeitos com a cultura, educação e a informação de diferentes sociedades. Assim, museus passaram a ser vistos como lugares que podem desenvolver diversas relações, resultando para o visitante não apenas em construção de histórias, memórias, narrativas contadas pragmaticamente, mas também em uma experiência de contatos, confrontos, questionamentos, tensões e distensões que modificam, por meio da experiência sensorial e sua conseqüente elaboração cognitiva, a construção de novos sentidos e ideias – ou seja, de aprendizados.

Nesses ambientes em que existe a preocupação com a produção, preservação, organização e disseminação de informações, estão presentes as mediações culturais, que

podem ser definidas como ações de construção de sentidos em que as obras são objetos de mediação e estão carregadas de significados. Essa experiência de mediação educativa em museus é, acima de tudo, um processo e, nesse percurso, estão inseridas as aplicações das ações museológicas como atividades reflexivas que tem o objetivo de alcançar o conhecimento de algo, em um processo de troca público-obra, significando reflexão constante, pensamento crítico, criativo e ação transformadora do sujeito e do mundo.

Sob esse olhar, o exercício ao qual nos propomos aqui é (re)pensar sobre os museus e suas ações educativas, (re)pensar os paradigmas desses espaços que abrigam conjuntos de obras, documentos e que, historicamente, definem e validam saberes, ideologias, gostos, padrões estéticos, um espaço de relações que constrói novos sentidos. Em linhas gerais, refletir sobre o papel socioeducativo da mediação cultural nessas instituições, em um viés de transformação do processo ensino-aprendizagem a partir da contribuição da metodologia *Sociopoética*, que aponta, em sua finalidade, a capacidade de ressignificar o olhar do visitante para a sua realidade, da mesma maneira que tem o poder de trazer novos pontos de vista de outras culturas e sociedades.

Considerando as ideias apresentadas, é possível reforçar a importância da mediação cultural e dos setores educativos dentro dos museus, pois com essa organização é que serão conduzidas diretamente as políticas educacionais nessas instituições. Assim, favorecendo a visão do museu não como apenas uma edificação fria e com função singular e restrita (Canclini, 1998), mas como algo que tenha objetivos plurais como a salvaguarda, visitação, exposição, valorização e o ensino cultural.

O museu como instrumento socioeducativo: um desafio prático e teórico

Com origens remotas na história humana, os museus são instituições que atravessam os séculos, assumindo contornos tão diferentes quanto as tipologias de suas coleções (Martins, 2012): históricos, de ciências, de arte, cidades-museus e, como essa instituição não deixa de acompanhar as mudanças dos tempos, existem também os museus virtuais.

Historicamente, a idealização de museu vem mudando desde a década de 70. O avanço do museu e suas estratégias de promoção de identidades locais e memórias coletivas estão mobilizando programas e avançando pedagogicamente. Mesmo assim, alguns questionamentos a respeito do museu como um espaço educacional alternativo são apresentados, por exemplo: *O que estamos querendo dizer quando falamos que os museus*

são espaços de educação não formal? O que distinguiria um espaço formal de um não formal? Para tais colocações, Gohn (2006, p. 2) destaca:

A educação não formal designa um processo com várias dimensões, tais como: a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem e o exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos munitários, voltadas para a solução de problemas coletivos cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor; a educação desenvolvida na mídia e pela mídia, em especial a eletrônica etc.

Nesse sentido, os museus pensados mais amplamente deixam de ser caracterizados como espaços onde se arquivam memórias. Antes de tudo, museus são lugares propensos a reviver a história, a colocar em circulação as diferentes formas de se ler, pensar, aprender e, quem sabe, vivenciar a história da gente, da nação, do povo. Diferente dos lugares formais de ensino/aprendizagem, o museu permite leituras e releituras a partir de diversas realidades inter e transculturais, pois está - ou deveria estar - aberto aos diferentes olhares da arte e da educação.

Em sua maioria, os museus possuem o setor educativo, uma coordenadoria responsável pela operacionalização da política de educação museal na instituição. Fazem parte das atribuições desse setor elaborar e executar projetos de extensão cultural, buscando a integração museu-comunidade por meio do desenvolvimento de atividades educativas, realizando estudos e pesquisas relativas ao aproveitamento do acervo do Museu; e realizar conferências, cursos, oficinas, seminários e outras atividades em sua área de competência, a fim de contribuir para o aperfeiçoamento técnico e científico da instituição e do público em geral. Os setores educativos também são responsáveis pelo diálogo com as escolas, grupos organizados e pessoas que estejam interessados em visitas mediadas e pelo diálogo com os arte-educadores que propõem atividades dentro do espaço museológico, buscando uma diretriz que não atua de forma vertical, mas inserindo toda a comunidade externa como ativa em suas tomadas de decisões.

A dinâmica presente nas ações educativas é de diálogo em conjunto, em que o protagonismo das exposições e atividades se dão de acordo com os anseios de todas as partes envolvidas, em uma ação que envolve a museologia social. O acervo de uma instituição representa sua essência e, em muitos casos, é o principal responsável pelo

vínculo com a comunidade, já que é nela que o museu se encontra e onde se processa a cultura, pois, assim como o objeto é a linguagem do museu, o homem é o objeto do museu.

Conforme Castro (2017), a educação museal é um processo educativo focado no indivíduo e sua interação com a sociedade, que valoriza suas formas de fazer e viver a cultura, a política e a história. O patrimônio musealizado é uma ferramenta neste processo, que é ao mesmo tempo de conscientização e construção coletiva de conhecimento e tem como um de seus objetivos o entendimento do que é a memória, a história e a necessidade de seu conhecimento e preservação.

Mas esse papel, atualmente revigorante dos museus, nem sempre foi uma realidade, tendo em vista que o seu acesso era vedado a diversos públicos socialmente marginalizados. As organizações hoje lutam contra um passado histórico em que classes abastadas expunham artes privadas como forma de lastrear seu capital cultural e monetário. Após as revoluções burguesas dos séculos XVIII e XIX, nota-se que os museus assumiram uma posição de constante tensão entre as novas classes que surgiam das relações capitalistas.

Uma das ações que mais impulsionaram as mudanças nos museus, levando em consideração a função social e educativa, foi a realização da *Mesa Redonda de Santiago do Chile*, em 1972, que resultou no documento base dessa nova premissa de atuação dos museus: a Declaração de Santiago, onde é apresentado o *Conceito de Museu Integral*, inspirado nos ideais de educação integral e educação como prática libertadora de Paulo Freire.

A adoção da perspectiva orientada pelas proposições da *Mesa Redonda de Santiago do Chile*, de considerar a educação como meio de conduta dos museus, torna-se essencial diante do crescente impulso, na década de 1970, da visão de que estes possibilitam uma execução muito particular e potente de função social capaz de promover transformação social – concepção esta, que se amplifica quando inserida na realidade dos países latino-americanos, como exposto pelo evento.

A Declaração da Mesa de Santiago apontou ainda uma grande necessidade de que os museus se lançassem no desenvolvimento sistematizado de um serviço educativo pautado em sua inerente função social. Essa função, no entanto, deveria ser aplicada com um forte caráter de democratização, respeito e inclusão de diferentes saberes e públicos, confrontando diretamente as concepções empregadas pela museologia tradicional, habituada em privilegiar a salvaguarda do patrimônio ao passo que descarta o protagonismo e a importância do sujeito que o produz.

Superar algumas questões inerentes na relação e na concepção da experiência das populações com os museus, principalmente em países periféricos como o Brasil, é um desafio. Para tanto, é preciso compreender, no nível da produção de sentido, a maneira como o museu se apresenta para as populações em questão e, assim, estabelecer estratégias de abordagens que possam ressignificar a relação entre museu e público.

Um dos primeiros pontos de problematização são as plurais possibilidades de concepção de museu, considerando, principalmente, o antagonismo entre as concepções acadêmicas e o senso comum. Marandino (2008) destaca que a percepção dos museus como espaços educativos é recente. “É ainda bastante comum a associação da palavra museu a locais com a função de guardar coisas velhas” (Marandino, 2005, p. 1). Santos faz referência a essa concepção, destacando que:

Museu para a maioria dos professores e alunos, ainda permanece como ‘um local onde se guarda coisas antigas’. Do mesmo modo, o patrimônio cultural é compreendido como algo que se esgota no passado, cabendo às pessoas, sujeitos sociais, contemplá-lo, de maneira passiva, sem nenhuma relação com a vida, no presente. Cultura, patrimônio e tradição são produtos dissociados do cotidiano do professor e da vida dos seus alunos. (Santos, 2001, p. 5).

Reconhecer esse distanciamento abissal que existe entre as propostas de arte educação nas escolas, as propostas dos museus e a realidade cotidiana do público, formado por alunos e ex-alunos dessas escolas, se torna essencial. Salvo raras exceções, nossa cultura educacional não valoriza as linguagens das artes como forma de expressão e, principalmente, como espaço de conhecimento. A arte é rotulada a partir de uma atmosfera elitista, distante, enigmática e, muitas vezes, intraduzível. De um lado, ainda é forte a cultura que supervaloriza o mito do “bom desenho”, da cópia da realidade. Do outro lado está a falta de convivência da maior parte do público com eventos de artes visuais, museus e galerias e, principalmente, o contato com arte-educadores que façam a mediação nesses locais.

No aspecto social, podemos diagnosticar, grosso modo, que a maioria dos estudantes brasileiros de escolas públicas não se enxerga na história e na história da arte que lhes é ensinada – não há conexão, identificação ou representação na maioria das vezes. Mais uma vez podemos identificar a concepção semântica de museu como espaço onde há coisas que pertencem ao passado e não têm mais utilidade no presente cotidiano ou que não geram sentidos para quem as vislumbra. O não pertencimento histórico, fruto

da visão alienada de espectador de fora da história, se materializa na figura de alguém que olha e não consegue ver as consequências do passado na constituição do presente, tampouco percebe uma obra de arte como manifestação de uma cultura e de uma época.

Promover a construção de uma visão crítica e o acesso a uma educação de arte disruptiva pode desenvolver a capacidade de se enxergar e conceber a cultura através da história, através de uma obra de arte. Para tanto, é necessária uma arte-educação que faça também um movimento em direção a este aluno, que saia dos paradigmas estéticos de época reproduzidos nos livros didáticos para a avaliação *in loco* das obras. O público poderá, então, frequentar um museu com o olhar treinado para ver além da superfície e passar a interpretar sua realidade de outra maneira.

Consideramos assim, que uma proposta para buscar reduzir esse distanciamento público e instituição museal pode se dar por meio de atividades realizadas em conjunto, estabelecendo novos paradigmas para gerar novos significados. É a partir de uma atuação consciente de todos os envolvidos nesse processo que se torna possível elevar o museu a uma posição de organismo atuante, dinâmico e presente na vida da população.

Sociopoética e a mediação cultural: concepções e entrelaçamentos

O método *Sociopoético* foi criado pelo filósofo e pedagogo Jacques Gauthier a partir de suas vivências compartilhadas no movimento de luta dos Kanak, povo indígena da Nova Caledônia, por sua independência contra o colonialismo francês (Petit *et al.*, 2005). Conforme o fundador, no capítulo II de seu livro *O oco do vento* (2012), essa forma de fazer pesquisa foi criada por ele entre 1993 e 1995. Sua vontade era nortear suas pesquisas em busca de uma forma de criar que unisse:

O rigor científico herdado das minhas raízes europeias, a imaginação poética e artística e a atenção às energias do corpo e da natureza, particularmente presente nos povos que foram colonizados, seja no Pacífico, seja no Oriente, seja na África ou nas Américas. (Gauthier, 2012, p. 73).

A metodologia *Sociopoética* fundamenta-se nos seguintes princípios: o grupo pesquisador como dispositivo; a importância do corpo como fonte de conhecimento; o papel da criatividade de tipo artística no aprender, no conhecer e no pesquisar; a ênfase no sentido ético no processo de construção dos saberes. Desse modo, na confluência de várias abordagens epistêmicas, a *Sociopoética* “une a pedagogia e o teatro do oprimido,

a pesquisa-ação, a análise institucional e socioanálise, os grupos operativos, a pedagogia simbólica [...]” (Gauthier, 2012, p. 73).

O diferencial deste método está no fato de propiciar a produção do pensamento através da produção de *confetos*, pois o observador é convidado a se transformar em co-pesquisador pelo pesquisador oficial. Nas ações, os co-pesquisadores são levados a produzirem seus conceitos acerca do tema gerador mediante linguagens artísticas e/ou simbólicas. O resultado são conceitos perpassados pelos afetos suscitados, pelo estranhamento gerado pelas técnicas pouco convencionais.

Assim, uma das grandes contribuições da *Sociopoética* advém do fato de que, nessa metodologia, rompem-se os conceitos de pesquisador e de objeto, ou seja, desfaz-se a verticalidade típica da academia, em que o pesquisador assume o papel de detentor de um saber e de investigador distante em relação à realidade analisada. Ou seja, os *grupos-objeto* das pesquisas se tornam *grupos-sujeitos*, o que permite alcançar camadas cognitivas que as entrevistas clássicas dificilmente alcançariam. Desse modo, a *Sociopoética* se tornou extremamente relevante em pesquisas nas áreas da arte, educação, saúde e mesmo antropologia, devido à possibilidade de amplificar o alcance da voz daqueles que normalmente não são ouvidos.

Os conceitos criados na *Sociopoética* são sempre perpassados de afetos, resultado das intensidades que percorrem os corpos e da fusão entre arte e filosofia. São, portanto, um misto de emoção, razão, sensação, intuição, não consciente (não nos arriscamos muito à palavra inconsciente pela conotação psico-analítica). Dessa forma, os *confetos* são mais do que enunciados intelectuais, são a expressão de experiências coletivas que implicam o corpo sensível, portanto, uma forma potente de pensamento que não se limita à razão. Os conceitos, portanto, podem ser poéticos e/ou metafóricos, miscigenados, interferenciais. Geralmente, anarquizam referências prévias. (Adad; Petit, 2018, p. 142).

Todo esse contexto *Sociopoético* nos ajuda a pensar nos museus contemporâneos e como a mediação cultural pode ser pensada e aplicada nesses ambientes: entendendo as demandas da sociedade ao mesmo tempo em que faz do museu um catalisador das mudanças sociais necessárias, fazendo dele espaço de reflexão de suas comunidades e instituições cada vez mais descolonizadas e decolonizadoras.

A decolonialidade tem sido uma das grandes balizas na proposta de mudança dos paradigmas museográficos e museológicos. Pensar em uma metodologia decolonial irá favorecer ações que permitam desaprender para reaprender, uma maneira de transcender

a colonialidade tão arraigada nos povos que foram anteriormente colonizados. Esse processo de desconstrução do poder e do conhecimento não é algo institucionalizado, que parte do Estado, como bem define Mignolo (2013); são projetos que sempre existiram, mas só a partir do século XX ganharam força e forma.

Estes projetos que hoje chamamos de decoloniais sempre existiram. Acontece que foi apenas no século XX que se consolidaram fora da Europa projetos decoloniais de todo tipo, mas que têm em sua base a consciência das ficções imperiais raciais, genéricas e sexuais e as ficções imperiais em torno do Terceiro Mundo, países desenvolvidos, economias emergentes. (Mignolo, 2013, p. 5).

Essa possibilidade de imaginar, legitimar e construir organizações comunais, sobre a base da cooperação, e não da competição e do extermínio, é a base em que se situa a decolonialidade. São diversos os autores que se dedicam ao tema da decolonialidade e seus correlatos, como os *Estudos Pós-coloniais* e os *Estudos Subalternos*. Walsh (2013) discorre sobre a decolonialidade como prática de insurgência, resistência e de revivescência contra o processo histórico de negação e apagamento das diversas humanidades.

Uma sociedade em transformação implica discussões sobre possibilidades de transformação do museu, como a expografia e as ações educativas. As redefinições nas suas funções passam não só pela busca por um discurso decolonial, mas também pela própria organização das exposições com o objetivo de proporcionar leituras críticas que transcendam o próprio espaço museal, inserindo-se no seio da sociedade.

Nessa perspectiva, consideramos importante pensar em estratégias para a arte-educação utilizando como aporte os pressupostos da metodologia *Sociopoética*. É preciso investigar a realidade sociocultural dos estudantes para que eles tenham contato não só com a produção canônica, mas também, e principalmente, com obras que dialoguem diretamente com suas realidades, que sejam realmente significativas na construção daquilo que Freire (1989) chama de *ler a realidade*. Caso contrário, a experiência ou será estéril ou persistirá na reprodução colonizante de uma ética e de uma estética que não liberta, antes, oprime.

Considerações

O anseio da reflexão apresentada neste trabalho foi repensar sobre o processo das mediações culturais em museus com base nos pressupostos da metodologia *Sociopoética*, bem como na relação entre museu, arte, cultura, educação, sociedade, abordando perspectivas como a função socioeducativa e a decolonialidade nestes espaços de memórias. Museus abrigam conjuntos de obras e documentos que historicamente definem e validam saberes; são lugares propensos a reviver a história, a colocar em circulação as diferentes formas de se ler, pensar, aprender e, quem sabe, vivenciar a história da gente, da nação, do povo.

A partir das considerações trazidas sobre a ressignificação da relação público, museu e mediação cultural, delineamos que há campo para abordar diversas outras questões relacionadas a esse tema, como a necessidade de se repensar não só os museus, mas a própria escola, espaço historicamente marcado pela repetição de conceitos e histórias que, na maior parte do tempo, reafirmam valores relacionados à cultura hegemônica. Uma educação libertadora, crítica e significativa passa obrigatoriamente pela desconstrução dos muros conceituais que isolam e fragmentam conhecimentos.

Nesse sentido, compete mencionar nossa crença na tríade Arte, Cultura e Educação como fio condutor para transformar a sociedade e melhorar as relações inter e transpessoais, pois, caminhando de mãos dadas com a educação, a arte potencializa esse alcance. Produzida como meio de expressão e integração cultural entre as sociedades, a arte e o ser humano se relacionam desde o início da nossa história. Sendo assim, a arte e o conhecimento daquilo que os outros fazem e apreciam ajuda na contextualização, são meios de integração à sociedade. A arte e a cultura integram, fazem-nos mais consistentes do que somos, expandem-nos enquanto espectadores e apreciadores, tornam-nos mais respeitosos uns com os outros.

Nessa concepção, o estudo nos possibilitou compreender que atividades desenvolvidas nos museus, a partir da perspectiva da *Sociopoética*, ajudarão a transformar o processo de construção de sentido dos espectadores para as produções, provocando novos saberes através da arte e como pensar a valorização das culturas de resistência dentro desses espaços.

Por fim, consideramos que o processo de mediação cultural a partir da perspectiva da *Sociopoética*, poderá auxiliar a decolonizar o pensamento dentro da tríade arte/corpo/história da arte, pensando a escrita científica em Arte a partir do outro, pensando o trabalho do outro a partir de concepções que não são nossas, sem questionar opções estéticas, trabalhando o olhar dos alunos para suas próprias produções e processos,

de modo a gerar o entendimento da arte como possível lugar de *fala*, sendo capaz de contribuir para que todos possam ver a realidade e expressar essa realidade, assim, expressar-se e transformar a realidade.

REFERÊNCIAS

ADAD, Shara Jane Holanda Costa; PETIT, Sandra Haydée. Ideias sobre confetos e o diferencial da sociopoética. *In*: ADAD, Shara Jane Holanda Costa; COSTA, Hercilene Maria e Silva (Orgs.). **Entrelugares**: tecidos sociopoéticos em revista. Fortaleza: EdUECE, 2018.

BRASIL. Lei n. 11.904, de 14 de janeiro de 2009. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. 2009.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 1998.

CASTRO, Fernanda. **O que é educação museal?** Educaçãomuseal.org., 2017.

Disponível em:

<https://www.museudavida.fiocruz.br/index.php/noticias/1463-educacao-museal-ea-importancia-da-acessibilidade-atitudinal-uma-conversa-com-hilda-da-silva-gomes>.

Acesso em: 8 de mar. 2024.

FREIRE, Paulo. **A Importância Do Ato De Ler**. São Paulo: Cortez, 1989.

GAUTHIER, Jacques. **Sociopoética** - Encontro entre arte, ciência e democracia na pesquisa em ciências humanas e sociais, enfermagem e educação. 1. Ed. Rio de Janeiro: Editora Escola Anna Nery, 1999.

GAUTHIER, Jacques. **O oco do vento**: metodologia da pesquisa sociopoética e estudos transculturais. Curitiba, PR: Editora CRV, 2012.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e cultura política**. São Paulo: Cortez, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS (IBRAM). **10 anos de Ibram**: celebrar memórias, conceber futuros. Brasília: Ibram: Ministério do Turismo, jan. 2019.

Disponível em: <https://www.museus.gov.br/os-museus/> . Acesso em: 18 jan. 2024.

MARANDINO, Martha. (Org.). **Educação em museus: a mediação em foco**. São Paulo, SP: Geenf / FEUSP, 2008.

MIGNOLO, W. **Historias Locales/diseñosGlobales**: colonialidad, conocimientos subalternos y pensamientofronterizo. Madrid: Akal, 2013.

PETIT, S.H. *et al.* Introduzindo a sociopoética. In: SANTOS, I. *et al.* (Orgs.). **Prática da pesquisa nas ciências humanas e sociais: abordagem sociopoética**. São Paulo: Atheneu, 2005.

SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. **Museu e Educação: conceitos e métodos**. In: Aula Inaugural – 2001, do Curso de Especialização em Museologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP / Simpósio Internacional “Museu e Educação: conceitos e métodos”, 20 a 25 de agosto de 2001.

WALSH, Catherine. (Ed.). **Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir**. Tomo I. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2013.

Como referenciar este artigo:

PEROSA, Vanessa Basso; ARGUELHO, Joelma Fernandes. O museu como instrumento socioeducativo: (re)pensar o papel da mediação cultural por meio da metodologia *Sociopoética*. **revista Linguagem**, São Carlos, v.48, n.1, p. 240-251, 2025.

Submetido em: 14/08/2024

Aprovado em: 21/01/2025